

CARTILHAS SOBRE POLÍTICAS DE ACESSIBILIDADE: FORMAS DE INTERVENÇÃO NA VIDA DA POPULAÇÃO

ROSELI BELMONTE MACHADO (UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL).

Resumo

Este trabalho procura analisar uma série de cartilhas sobre políticas públicas de inclusão e acessibilidade fabricadas e criadas por membros da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, as quais entraram em circulação no Estado no primeiro semestre do ano de 2009. Tais cartilhas são destinadas à população em geral visando distribuir informações sobre modos técnicos de tornar locais públicos acessíveis, ao mesmo tempo em que regulam a vida dos responsáveis por lojas, cinemas, teatros e outros estabelecimentos. Para o embasamento teórico-metodológico de minha análise, trago as ideias de Michel Foucault sobre os conceitos de Biopoder, Biopolítica e Governo, em que o autor aponta estratégias que o Estado utiliza a desde o final do século XVIII, como formas de controle e regulação da vida da população. Meu objetivo principal é o de compreender como as formas de governo e biopolítica operam na vida dos indivíduos e da população como um todo e, dessa maneira, os subjetivam a modificarem seu modo de pensar e agir sobre um determinado assunto, conceito, tema etc. As análises dos textos das cartilhas indicam a intencionalidade dos mesmos em tornar os indivíduos responsáveis pelo cumprimento dos projetos de acessibilidade, desde rebaixamento de calçadas até a instalação de elevadores com botoeira em Braille para orientar pessoas com deficiência visual. Tais ações preconizadas pelas cartilhas, de certa forma, diminuem a responsabilidade dos governos, já que há um desejo de compartilhamento de responsabilidades com a população em geral. A partir dessas proposições, é possível refletir sobre os efeitos que essas ações trazem ao Estado, na medida em que há, continuamente, um deslocamento de suas responsabilidades.

Palavras-chave:

acessibilidade, população, governo.

1. A RELEITURA DE UMA CARTILHA

Olhar para um texto, obra, livro ou para qualquer artefato cultural com o intuito de reler esse material é uma tarefa que exige uma vontade de ir além do que as primeiras impressões de leitura estão mostrando. Enxergar o que já foi visto de outro jeito e de outra maneira está diretamente implicado no fato de querer explorar os motivos que fizeram cada coisa ser constituída da forma como foi. É entender como o material que está sendo relido foi construído: Como foi pensado? Por que foi elaborado dessa forma? A quem procura atingir?

A análise que proponho neste trabalho não possui a pretensão de realizar todos os novos olhares possíveis para o material que irei me deter, mas apresenta a minha particular releitura dessa obra. Acredito, também, que outras percepções sobre essas cartilhas irão depender de cada sujeito em particular, pois, cada um é atravessado e capturado de maneira diferente pelas leituras que realiza. Assim, neste trabalho, o que está presente é uma análise pautada nos Estudos Culturais e nas teorizações de Michel Foucault, as quais provocam em mim um modo peculiar de ver algumas coisas.

O material que escolhi para pensar algumas coisas e ao mesmo tempo propor uma releitura do que está presente em suas páginas tem o título de *Rio Grande*

acessível para todos: conquista consciente, com responsabilidade. Tal material foi pensado e elaborado originalmente pela Secretaria Especial de Acessibilidade e Inclusão Social (Seacis) e posto em circulação por alguns membros da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, no ano de 2008. Trata-se de uma pequena cartilha com dezoito páginas muito bem ilustradas que falam sobre acessibilidade para pessoas com deficiência. Também pode ser vista como um manual destinado à população, em geral, com o intuito de informar sobre modos técnicos de tornar locais públicos e privados acessíveis. Sua distribuição ocorreu em diversos segmentos da sociedade. Eu, particularmente, tive acesso a um exemplar dentro de uma escola privada no município de Porto Alegre em que trabalho como professora e que é especializada em atender alunos com deficiência visual. A análise dessa cartilha está centrada no seu conteúdo em si, procurando perceber a intencionalidade que cada passagem de seu texto traz. Para isso, trago algumas teorizações foucaultianas sobre biopoder, biopolítica e governo a fim de compreender como as formas de governo e biopolítica operam na vida dos indivíduos e da população como um todo e, dessa maneira, os subjetivam a modificarem seu modo de pensar e agir sobre um determinado assunto, conceito, tema etc. No caso das cartilhas, quero pensar como esse manual tem a intenção de operar na mudança de vontades e ações dos responsáveis por diversos lugares públicos e privados.

2. ARTICULANDO AS FERRAMENTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Para a compreensão de minha análise, acredito que seja necessário tecer alguns esclarecimentos a respeito das ferramentas teórico-metodológicas que utilizo e, ao mesmo tempo, tentar uma articulação com alguns trechos da cartilha. A partir dessa forma integrada de análise, há a possibilidade de ver a releitura que proponho em plena operação. Dessa maneira, vou partir das teorizações de Michel Foucault e exemplificá-las com trechos do manual selecionado.

Michel Foucault, em suas obras, fala sobre as diversas formas de governo instituídas ao longo das diferentes sociedades, ao mesmo tempo em que mostra como era possível manter um Estado governável. Isso, desde uma sociedade de soberania, passando por uma sociedade disciplinar até uma sociedade de controle como a que vivemos hoje.

Para Foucault (2007), uma Sociedade da Soberania era regida pelo poder do Soberano em relação aos seus súditos marcada por uma forma violenta de governar, em que mostrar publicamente as punições exercidas sobre aqueles que não seguiam as regras estabelecidas era uma característica importante dessa forma de governo. Já a Sociedade Disciplinar (a partir do século XVI e XVII) marca o desenvolvimento dos dispositivos disciplinares que são sustentados pelo advento das instituições de sequestro e disciplinamento dos corpos: o quartel, a prisão, o hospital, a escola, a fábrica e o manicômio. Na Sociedade Disciplinar, a ênfase na forma de governar está em tornar os corpos dóceis - submissos e exercitados - e assim facilmente sujeitados a aquilo que se deseja. Foucault também nos mostra outra forma de governar, uma forma de governar que irá se estabelecer em relação à população, em relação ao homem-espécie - questão que surge no final do século XVIII (Saraiva, 2006). Antes disso, a população era considerada de uma forma negativa, a população era o contrário da depopulação[1], ou seja, população era o movimento pelo qual, após algum desastre (epidemias, guerras, etc.), se *repopoava* um lugar. No entanto, esse conceito foi se modificando. Na época das relações mercantis do século XVII, o foco estava na força produtiva da população, a qual garantia braços para agricultura e manufaturas. Mas, no século XVIII, é ampliada a ideia de população, pois, com a organização dos territórios enquanto cidades, o conceito sobre os habitantes de um lugar foram se transformando e

constituindo outras inferências, assim, indicando a necessidade de outra forma de governar. Segundo o autor (Foucault, 2008):

A população é um conjunto de elementos, no interior do qual podem-se notar constantes e regularidades até nos acidentes, no interior do qual pode-se identificar o universal do desejo produzindo regularmente o benefício de todos e a propósito do qual pode-se identificar certo número de variáveis de que ele depende e que são capazes de modificá-lo (p. 97-98).

Para o autor, a arte de governar estava bloqueada, entre os séculos XVII e XVIII, por haver uma grande diferença entre, por um lado, o Poder do Soberano - que era amplo, abstrato e rígido demais - e por outro lado o governo da família - que era estreito, inconsistente e muito frágil. Era, então, necessário se estabelecer uma forma de governo que atingisse a todos, que atingisse a população. Nesse momento, também, a população passava a ser vista em seus aspectos naturais. O enfoque passa a ser na "espécie humana" e não mais em gênero humano (Foucault, 2008). Há, então, o aparecimento de outra forma de poder, a qual Foucault (2005) marcou como o desenvolvimento do "biopoder" na metade final do século XVIII, o qual é entendido como uma nova técnica de poder que se aplica à vida dos homens e se dirige ao homem vivo, ao homem ser vivo ou ao homem-espécie. Um poder que irá se dirigir à população e resolver o bloqueio da arte de governar. "O desbloqueio dessa arte de governar esteve ligado, penso eu, à emergência do problema da população" (FOUCAULT, 2008: 138).

Esse biopoder (poder sobre a vida) tem a ver com os dispositivos de segurança e sua utilização para interferir junto à população. Esses dispositivos de segurança surgem a partir de questões como: o controle e a contagem dos nascimentos e óbitos, a questão da escassez alimentar, a *variolização-vacinação* no século XVIII (Foucault, 2008) etc. Assim, foi se estabelecendo uma ciência do Estado - a Estatística - e foi sendo criada a possibilidade de gerir noções de risco e calcular probabilidades para utilizá-las na população como dispositivos de segurança e de governo. Para o autor (Foucault, 2008):

Vai consistir em levar em conta o conjunto sem descontinuidades, sem ruptura, dos doentes e não-doentes, isto é, em outras palavras, a população, e em ver nessa população qual é o coeficiente de morbidade provável, isto é, o que é normalmente esperado em matéria de acometimento da doença, em matéria de morte ligada à doença, nessa população [...]. Dá para ter, portanto idéia de uma morbidade ou de uma mortalidade "normal" (p. 81-82).

Com os dispositivos de segurança, estabelece-se uma ciência biopolítica, a qual, ancorada no biopoder, irá interferir na vida da população em geral - com seus dados e estatísticas - a fim de melhor governá-la. Para a Sociedade de Controle que vivemos hoje, várias são as formas de ação sobre a população e a biopolítica é uma delas.

Assim, com essas ferramentas é que olho para a cartilha que escolhi. Para mim, elas são uma forma biopolítica de interferir na vida da população, pois, trazem prescrições claras de como cada sujeito deve agir. Isso é perceptível ao longo da leitura das mesmas, pois, não apenas mostram modos técnicos de tornar locais públicos e provados acessíveis, mas regulam a vida dos responsáveis por lojas, cinemas, teatros e outros estabelecimentos. Ao longo de seu conteúdo há minuciosas explicações sobre: calçada acessível, rampas para rebaixamento das calçadas, vagas para estacionamento de veículos, assentos reservados em casas de espetáculo, plataformas elevatórias, telefones adaptados, sanitários adaptados, elevadores com inscrição em Braille, escadas com corrimão central, opções de

acessos diversos em locais públicos, transporte público acessível, bebedouros rebaixados e escolas acessíveis para as múltiplas deficiências. Essas indicações - como já me referi anteriormente - não são apenas para que o poder público modifique os espaços, mas para que cada sujeito colabore com alguma parte. É uma forma biopolítica e intervenção.

Há também, no decorrer da cartilha, citações que chamam as pessoas em geral a colaborarem: *Com esta cartilha queremos orientar corretamente prefeitos, vereadores e a população em geral sobre as instalações e equipamentos necessários para a acessibilidade (p.4)*. Ou ainda: *Um Rio Grande acessível vai além do querer e da consciência dos agentes do poder público. Também deve fazer parte inseparável do cotidiano da consciência de toda a população (p.4)*. Nota-se nesses excertos um desejo de subjetivar a população em geral a aceitar e a realizar o que a cartilha propõe e assim, operar como uma forma de governo[2]. Aqui, no entanto, quero fazer uma ressalva que esclarece a minha análise. Como já afirmei, no início deste trabalho, o que proponho é um tipo de olhar para essa cartilha com as ferramentas teórico-metodológicas de Michel Foucault, o que não significa um posicionamento favorável ou desfavorável ao seu conteúdo, mas apenas uma releitura da mesma sobre o aspecto da biopolítica e do governo.

3. ALGUMAS IMPRESSÕES

Esse outro olhar para a cartilha *Rio Grande acessível para todos: conquista consciente, com responsabilidade* traz algumas impressões bem significativas, principalmente quando as lentes são foucaultianas. As análises dos seus textos indicam a intencionalidade dos mesmos em tornar os indivíduos responsáveis pelo cumprimento dos projetos de acessibilidade, desde rebaixamento de calçadas até a instalação de elevadores com botoeira em Braille para orientar pessoas com deficiência visual. Tais ações preconizadas pelas cartilhas, de certa forma, diminuem a responsabilidade dos governos, já que há um desejo de compartilhamento de responsabilidades com a população em geral.

Essas ações, para mim, são formas de governo na medida em que resulta de uma ação de poder de uns sobre os outros e da ação de cada um sobre si mesmo (Veiga-Neto, 2006). A ação de uns sobre os outros é entendida quando os membros da Assembléia mostram como as pessoas devem agir e a ação de cada indivíduo sobre si mesmo está presente quando cada pessoa se subjetiva a agir da forma como a cartilha indica. Além disso, são uma intervenção na vida de cada sujeito, ou seja, uma ação biopolítica.

A partir dessas proposições, é possível refletir sobre os efeitos que essas ações trazem ao Estado, na medida em que há, continuamente, um deslocamento e um compartilhamento de suas responsabilidades.

REFERÊNCIAS

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Cartilha Rio Grande acessível para todos: conquista consciente, com responsabilidade**. Porto Alegre/RS: 2008.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. 33.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FOUCAULT, M. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes: 2008.

SARAIVA, K. **Outros Espaços, Outros Tempos**: Internet e educação.2006. Tese (Tese de Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

VEIGA-NETO, A. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (Orgs.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.13-38.

[1] FOUCAULT (2008).

[2] Governo refere-se às diversas instâncias que governam de diferentes modos: a família, a igreja, o Estado, a escola, etc. Sendo o Estado apenas uma dessas instâncias.